

MARIO DE ANDRADE

O exílio carioca de Mario de Andrade, de meados de 1938 ao princípio de 1941, foi essencialmente dedicado a projetos culturais (Enciclopédia Brasileira, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, aulas na Universidade do Distrito Federal) e à crítica literária (colaboração semanal no *Diário de Notícias*). Ele compôs também o esquema e parte do romance *Quatro Pessoas*. Quanto à produção poética, foi escassa e pouco significativa no conjunto da obra. Consta dos poemas 'As Cantadas' (setembro de 1938), 'Luar do Rio' (dezembro de 1938) e 'Canção' (dezembro de 1940), os dois últimos incluídos na "Costela do Grã Cão". Os textos desses e demais poemas foram rigorosamente estabelecidos por Diléa Zanotto Manfio na sua edição crítica das *Poesias Completas* (Editoras Itatiaia-USP, 1987), que veio sanar erros das edições anteriores.

Entretanto, ficaram excluídas da publicação em livro pelo menos duas poesias: "Epitalâmio", de agosto de 1939, e "Rondó do Recenseamento", de 1940, provavelmente suprimidas pelo autor. A primeira Mario de Andrade repudiou com uma veemência que raramente terá usado em relação à própria obra. Com efeito, em carta a Oneyda Alvarenga, de 4 de novembro de 1939, ele escreve sem nenhuma autocomplacência: "Eu fiz um Epitalâmio, franqueza: pra porco de tão ruim". O poema saiu na *Revista Acadêmica*, nº 50, de julho de 1940, literalmente pela metade; no número seguinte, 51, de outubro do mesmo ano, foi republicado com a seguinte nota da redação: "Por um lamentável engano tipográfico a poesia acima apareceu incompleta no nosso número anterior, motivo pelo qual ela é agora publicada novamente."

O "*Rondó do Recenseamento*" foi escrito quando Candido Portinari fazia uma exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York e se realizava no Brasil o censo demográfico, em 1940. Saiu também na Revista Acadêmica, nº 54, de maio de 1941, fornecido o original pelo pintor. Provavelmente Mario de Andrade a considerou uma brincadeira de circunstância, que não merecia honras de perpetuação em livro, embora tenha um encanto meio bandeiresco e até uma saborosa e requintada rima de "ao ar e" com "Portinari".

Como o propósito destas linhas é apenas informativo, vamos à transcrição das duas poesias.

Moacir Werneck de Castro

EPITALÂMIO

*A Yedda**

— Eu vim trazido às asas do avião lento,
Como quem se arde na paixão...
A minha bengala já brilha enramada de fitas
E na blusa de couro arfa o distintivo
Com a nobre e áspera forma dum fuzil
Oh prefeito, senhor, ministro das tardanças,
Devorei todos os testes, e eis o salvo-conduto dos médicos:
Exijo que entregues-me agora a virgem guanabarina!
E as minhas mãos brutas de aço, os meus olhos fatigados de fábricas,
Irão finalmente pousar sobre o ventre ondulante
Da salsa virgem guanabarina que ganhei para a noite de amor!

— Eu sou a salsa virgem do ventre ondulante, queimada
Pelas ondas do verde mar...
Oh, entregai-me, esperança de força, harpa álgida e insonora
Bólide errático! dai-me ao meu corpo impaciente e às delícias
Do noivo que marca a terra ao sopapo valente
Dos pilões de cimento enramados de céu e de sol!
Se acabaram as leituras, palmilhei hospitais praticando
Conheço as origens do mal, dou alarmes e falo oito línguas,
E eis-me toda engalanada de guizos, festões e bandeiras internacionais!
Oh juiz, reconheço-me pronta para a vetusta cumplicidade da vida,
Entregai-me! E que o destino entreabra meus joelhos morenos,
Ao sinal exogâmico do nhônhô que ganhei para a noite de amor!

— Oh juiz sacro, a virgem vem! festões e bandeiras! harpa insone, frecha
jamais desferida!...
Já lhe sinto os passos largos e a boca fixada no rouge odorante,
Já escuto a ascensão varonil dos seus peitos pequenos,
E me excitam como etapas noturnas seus perfumes baseados em sal!
Meus braços são potros bufando, meu corpo esbandalha-se em arte de
música
Oh juiz pando, oh prefeito lerdo! oh eunucos funcionários calmissimos!
Entregai-me sem mais demora a virgem guanabarina dai-me a vida da
vida!
Aí tudo se acaba! e morremos vertidos em marco de glória irremediável,
Nascitura e impiedosa em seu mistério imortal!

— Oh prefeito insensível de pérola na gravata polida,
Basta! cessa de olhar com esses óculos sáfaros os livros dos ancestrs, boi
nutrido!

Dá-me! decide! dá-me o nhônhô que desceu nas asas do avião rouco,
Ou te afogarei no sulco dessas páginas discutíveis,
Oh balandrau de cortejo! lelêu de deus morto! programa de rádio!
Meus braços são potros bufando, meu corpo esbandalha-se em arte de
música

Meu ser e o seu ser unidos! altifalantes ganem, jornais gritam,
Não vejo mais astros! transborda-se a espera da vida!
Ai, tudo se acaba! morremos vertidos em marco da glória
Nascitura e impiedosa em seu mistério imortal...

* Yedda Braga Miranda, mulher de Murilo Miranda, o fundador e diretor da *Revista Acadêmica*; irmã de Rubem Braga.

RONDÓ DO RECENSEAMENTO

Candido Portinari, o grão Portinari
Está em Nova York o nosso pintor maior!
Que fazer pra que o Recenseamento pare
E se transfira para data ulterior?

A Loba Romana, a ex-Beatrix Portinari
Ouvindo isso se remordem de furor
E Il Fascio e Verdi e o barítono Stracciari
Pois querem italianizar o pintor
Candido Portinari

Mas eis que avança o poeta Mario de Andrade
De azul todinho com balões ao redor
Abre o livro do Recenseamento ao ar e
Grava em primeiro com sua letra melhor:
Candido Portinari



Desenho de Célia Euvaldo

CARLOS VOGT

JARDINS

Em frente à minha casa tem um pequeno jardim de rosas;
é o jardim da casa, mas antes o jardim de meu velho pai,
e sendo dele, porque ele o fez com zelo,
tem em cada flor a nostalgia de suas mãos de pai e de artesão.
No que me cabe é meu, por ser da casa,
que por ser minha na circunstância casual da posse e da ansiedade,
me deixa estar ali sentado nessa varanda de luz, ocaso e generosidade
a ruminarmos juntos e desdentados — velho um, outro criança —
a lembrança neutra de vegetais no vaso.